

## REVISITANDO O CONCEITO DE PROVÉRPIO

Claudia Maria Xatara<sup>1</sup>

Thais Marini Succi<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe, dentro do campo da Paremiologia, rever algumas das principais considerações teóricas acerca do provérbio, reanalisar suas características e fazer algumas analogias com outros fraseologismos. Assim, poderemos chegar a uma definição mais adequada e abrangente dessa lexia complexa.

Palavras-chave: Provérbio; Fraseologia; Paremiologia

### Introdução: o campo dos estudos proverbiais na Lingüística

Conceituar, descrever, analisar e inventariar provérbios é tema relevante na fraseologia popular ou, em termos ainda mais específicos, nos estudos paremiológicos. De acordo com Houaiss (2001), paremiologia, do grego *paroimía* (provérbio, parábola), e do latim *paroemia*, ocorre em vernáculo no século XVII e em cultismos, do século XIX em diante. É a área que se preocupa especialmente com a coletânea, classificação dos provérbios, dentre outros aspectos, embora segundo Amadeu Amaral (1976) paremiologia é o estudo das formas de expressões coletivas e tradicionais incorporadas à linguagem cotidiana.

### 1. Controvérsias e tentativas de definição

Considerando-se o critério semântico para definir o que é uma palavra, temos que uma palavra constitui uma unidade mínima de significação. Assim, entendemos o provérbio como tal unidade mínima, ou seja, o enunciado proverbial abrange dois vetores: forma plural (constituída por um grupo de palavras) e um só significado (mensagem global a ser transmitida).

Normalmente o provérbio é tomado, pelos leigos, por designações genéricas ou pretensamente sinônimas, mas se observarmos as definições de provérbio e de outros fraseologismos propostas por lexicógrafos e fraseólogos renomados (OLIVEIRA, 1991; SILVA, 1992; ROCHA, 1995; VELLASCO, 2000; HOUAISS, 2001; BRAGANÇA JÚNIOR, 2003), poderemos constatar que os vários fraseologismos tidos como “sinônimos” de provérbio ora se distanciam, ora se aproximam entre si. Uns possuem traços particularmente diferenciados de provérbio, como a chufa, o rifão e o dictério que têm traços

<sup>1</sup> Departamento de Letras Modernas - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP - Rua Cristóvão Colombo, 2265 - Jardim Nazareth - CEP 15054-000 – Campus de São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. E-mail: xatara@ibilce.unesp.br.

<sup>2</sup> Pós-graduação em Estudos Lingüísticos - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP - Campus de São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. E-mail: thaisucci@yahoo.it.

maliciosos, satíricos e vulgares respectivamente; outros possuem autoria conhecida como o aforismo, o apótegma, o axioma, a citação, o pensamento e a sentença. Existem fraseologismos, como a máxima e o brocardo, que têm cunho erudito; outros, cunho publicitário como o slogan; outros, forma estereotipada como o clichê e a frase feita; sem esquecermos das unidades que se caracterizam primordialmente pela rima, como o refrão. Entretanto, alguns fraseologismos são apenas sutilmente diferentes de provérbio como o adágio, o anexim, o dito, o preceito e o ditado; este último, aliás, difere-se especialmente por não apresentar metáfora. Por fim, consideramos inconfundíveis com o provérbio: a superstição, por se tratar basicamente de uma crença popular relacionada a lendas; e a expressão idiomática porque esta, além de não representar nenhuma verdade universal, na maioria das vezes, é estruturalmente constituída por enunciados incompletos ou ULs complexas que constituem partes de enunciados, ao invés de orações completas e fechadas (“ter alguém atravessado na garganta”, por exemplo, só será um enunciado completo com a determinação de um sujeito e um objeto direto).

Pelas definições propostas pelos especialistas, pode-se perceber que os autores chegam a caracterizar o provérbio quase sempre apresentando traços em comum com outros fraseologismos. Na verdade, acabam por não defini-lo precisamente para não incorrerem em uma definição incompleta e insatisfatória. Retomemos aqui o argumento de Vellasco (2000, p. 11):

No meu entender, a inviabilidade de se chegar a uma definição geral de provérbio decorre do fato de que não se pode trazer todos os vários tipos desta forma concisa para uma só categoria: um provérbio não reúne todas as características atribuídas aos provérbios como um todo. Os provérbios devem ser encarados como uma classe geral, em analogia aos substantivos, por exemplo, com subclasses (VELLASCO, 2000, p. 11).

Essa mesma autora, referindo-se a 34 trabalhos de paremiologistas, conclui: “Cumprir-me reverenciar-me ao fato de que, por mais que eu tentasse definir o provérbio, por meio de suas características lingüísticas formais, em um enunciado único, no sentido de ser viabilizada a sua identificação, foi-me impossível”.

Também Oliveira (1991, p. 19) nos alerta para a mesma problemática:

É difícil delimitar completamente a diferença que existe entre aforismo e cada uma dos termos: adágio, sentença, máxima, provérbio, refrão, axioma e apotegma, pois todas elas contêm o sentido de uma proposição ou frase breve, clara, evidente e de ensino profundo e útil. Nenhum autor antigo, nem moderno todavia conseguiu expor clara e terminantemente as diferenças entre umas e outras<sup>3</sup>. (apud *Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Madrid – Barcelona: 1992. tII, p. 155-6).

<sup>3</sup> *Es difícil deslindar cumplidamente la diferencia que existe entre aforismo y cada una de las voces: adágio, sentencia, máxima, provérbio, refrán, axioma y apotegma, pues todas ellas incluyen el sentido de una proposición ó frase breve, clara, evidente y de profunda y útil enseñanza. Ningún autor antiguo ni moderno ha logrado todavía exponer clara y terminantemente las diferencias entre unas y otras.*

Visto, pois, a variedade de fraseologismos e a imprecisão e complexidade das definições, procuramos por nossa vez também propor um conceito de provérbio, um dos fraseologismos mais conhecidos e consagrados pela comunidade lingüística, com base apenas em suas características mais pertinentes.

Para nós **provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade lingüística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.**

## 2. Aspectos caracterizadores do provérbio

Agora iremos levantar os principais aspectos e traços inerentes para a caracterização de provérbio.

### 2.1. Frequência e lexicalização

Os provérbios ocorrem conforme as necessidades de sua época e uso, portanto podem ser inovados ou caírem em desuso. Há provérbios muito frequentes na língua como: “Tempo é dinheiro”; outros, porém, possuem formas arcaicas que dificultam o entendimento de seu significado: “O bom vinho escusa pregão”, por exemplo, quer dizer, que bom vinho dispensa elogios. Mas para um provérbio ser inserido em um dicionário, ele tem que necessariamente ser freqüente, assim como ocorre com qualquer fraseologismo.

### 2.2. A lexicalização do provérbio

Entendemos ser o provérbio uma unidade léxica (UL) complexa que não permite que o seu significado seja calculado pelos significados isolados de cada uma das ULs simples contidas em seu interior. Isso equivale a dizer que para um enunciado ser identificado fraseologicamente como provérbio, a compreensão semântica global desse enunciado só será alcançada considerando-se o conjunto de seus constituintes (KLEIN, 2006).

Na verdade, entretanto, cabe algumas ressalvas quanto a esse caráter não-composicional. Para Gross (1996), uma expressão fraseológica opaca ou figurada como os provérbios correlaciona-se a um sentido não-composicional, ao contrário das seqüências transparentes ou não fraseológicas. De fato, reforçamos que o sentido de um provérbio seja necessariamente opaco, figurado, conotativo e não transparente ou denotativo, como no caso dos ditados, mas essa opacidade não é exatamente o mesmo que não-composicionalidade, pois a característica figurada dos provérbios revela a maneira pela qual esses fraseologismos são percebidos pelos interlocutores e a não-composicionalidade procura esclarecer a relação que existe entre os constituintes do enunciado e o produto global. Quando se fala no aspecto da conotação, situa-se, portanto, no nível da decodificação proverbial; e quando se trata da

relação entre os elementos lexicais formadores do provérbio, refere-se à operação de codificação e de cristalização desses elementos (MEJRI, 1997; JORGE, 1999). Podemos encontrar, então, enunciados conotativos mas não necessariamente opacos ou não-composicionais, isto é, existem provérbios, de sentido conotativo, mas cujos elementos formadores são mais ou menos motivados e contribuem para se chegar à compreensão semântica. Assim, “Quem ama o feio, bonito lhe parece” é totalmente motivado, composicional e denotativo – por isso estamos diante de um ditado. Já em “Dinheiro não tem cheiro”, não se recupera a motivação que nos leva sem dificuldades à compreensão conotativa da seqüência: trata-se, pois, de um provérbio não-composicional, mas — como sempre — figurado. E em “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”, resgatam-se elementos composicionais que nos facilitam compreender o sentido figurado e esse caráter composicional não invalida a identidade proverbial do enunciado.

Quanto à cristalização de seus elementos constituintes, ao inserirmos uma UL a uma construção já fixa, não teremos mais um provérbio: “a ocasião faz o ladrão” + “profissional” = “a ocasião faz o ladrão profissional”. Ou seja, o enunciado “a ocasião faz o ladrão profissional” já não é reconhecida como um provérbio consagrado.

O mesmo ocorre quando invertemos a posição das ULs. O provérbio “Beleza não se põe à mesa”, por exemplo, causará estranheza para ser identificado como tal com as inversões não usuais: “À mesa beleza não se põe”.

Portanto, “Tal pai, tal filho”, “A ocasião faz o ladrão” e “Beleza não se põe à mesa” são provérbios porque constituem ULs complexas, invariáveis e consagradas por uma comunidade lingüística como tal.

O provérbio é onipresente, ou seja, está em todo lugar e não deixa escapar nada; intromete-se nas profissões desde o médico ao pedreiro; julga homens, mulheres, crianças, velhos, deficientes físicos, homossexuais; esteve no passado, está no presente e acompanhará as futuras gerações. Embora não nos lembremos ao certo como os aprendemos, sem dúvida sabemos em que ocasião empregá-los.

Diz-se, aliás, que quando um falante nativo de uma língua sabe empregar bem os provérbios ou outro fraseologismo qualquer, pode ser considerado um falante fluente na língua, e portanto, se um estrangeiro também souber empregá-los, maior mérito terá. Então, quanto mais provérbios forem empregados corretamente por um falante, mais domínio sobre essa língua ele comprovará ter, porque o seu uso requer competência lexical e cultural.

### 2.3. Origem

A origem da palavra provérbio vem do latim *proverbium*. De acordo com Xatara (2002, p. 13), “o provérbio aparece pela primeira vez em textos do século XII, e o mais antigo estudo, assinado por Henri Estienne, data de 1579 – embora a mais antiga coleção de provérbios seja a do inglês John Heywood, de 1562”. Entretanto, a existência dos provérbios tem origem muito mais remota, e só não é atestada antes porque não puderam ser arquivados, ou porque pertenciam a uma tradição oral, ou porque se perderam tais documentações através do tempo. Sabe-se que faziam parte da filosofia dos gregos, romanos, egípcios, presentes

tanto no ocidente, como no oriente, perpetuando-se na Idade Média e chegando até nós. Segundo Albuquerque (1989, p. 35):

Os ‘sebayts’ (ensinamentos), equivalentes aos provérbios atuais são citados desde o terceiro milênio a.C. Entre os hebreus e os aramaicos o provérbio representava a palavra de um sábio. No século VI a.C. aparecem as *Palavras de Ahiqar* e no século IV a.C. os *Provérbios de Salomão*. Entre os gregos, ‘gnômê’ (pensamento) e ‘paroemia’ (instrução) cobrem as noções de provérbio, sentença, máxima, adágio, preceito etc., aparecendo em obras de Platão, Aristóteles e Ésquilo (...)

Provavelmente a origem da palavra provérbio seja até religiosa e não seria de se estranhar, ao se decompor “provérbio”, como alguns autores acreditam, que ele tenha derivado de *pro* (em vez de, no lugar de) + *verbo* (palavra de Deus), ou seja, no lugar da palavra de Deus, já que nele sempre se encerra um conselho, uma admoestação.

O anonimato dificulta o reconhecimento exato da origem do provérbio, sendo essa dificuldade ainda maior em países de imigração como o nosso, alguns provérbios podem ter tido origem em outros países e, com a miscigenação de raças, ter-se enraizado e naturalizado na outra língua, tornando o reconhecimento de sua origem quase impossível (STEINBERG, 1985).

Pode-se presumir com essa lógica que os provérbios inicialmente religiosos foram criados por autores conhecidos, mas que no decorrer dos séculos, foram perdendo autoria e caindo no domínio público. Como diz o próprio provérbio: “A voz do povo é a voz de Deus”, que parece corroborar a crença de que o pensamento é da coletividade, e não do indivíduo.

#### **2.4. Cristalização do passado**

O provérbio, um discurso cristalizado do passado, cuja origem de produção foi apagada, mantém-se surpreendentemente vivo no presente. Além de transmitir e preservar o conhecimento serve para nos mostrar que o homem em quase nada evoluiu: os sentimentos, os conflitos e guerras, as uniões, são experiências comuns a todas as culturas, em todas as épocas, dos gregos aos nossos contemporâneos.

Alguns provérbios até conservam palavras arcaicas, justamente porque elas lhes conferem um caráter de sabedoria ancestral.

#### **2.5. Tradição**

Os provérbios fazem parte do folclore de um povo, assim como as superstições, lendas e canções, pois são frutos das experiências desse um povo, representando verdadeiros monumentos orais transmitidos de geração em geração cuja autoridade está justamente nessa tradição; para seus destinatários tão anônimos quanto seus autores.

Aprender provérbios significa reforçar a própria identidade nacional. Para Hanania, um dos mais graves problemas culturais do Ocidente hoje é a ausência do referencial comum,

pois assiste-se a um enfraquecimento da tradição como garantia de se transmitirem os legados:

Já não há para nós, clássicos: nem Homero, nem a Bíblia, nem provérbios ... (...). Já o oriental acha-se respaldado, em segurança, sob a proteção da verdade de um passado milenar que ele aceita, que lhe é próprio, que o norteia, que o ampara e não o deixa entregue à perplexidade de quem está num mundo, onde tudo é vivido por primeira vez, sem raízes; que lhe é impertinente. (HANANIA, 1993, p. 26-27).

Ainda quanto à aprendizagem de provérbios, salienta-se a dificuldade que a decodificação dessa linguagem figurada representa para a criança em se tratando da aquisição da língua materna, ou na aquisição de uma língua estrangeira, para adultos.

## 2.6. Universalidade

Elaborado em poucas palavras, de maneira ritmada, na maioria das vezes com bom humor, ora expressando sátira ou crítica, ora configurando-se como sábios conselhos ou princípios de conduta, o provérbio, enunciado falso ou verdadeiro, é em si universal, pode se adaptar aos países e idiomas, cada um a sua maneira e cultura. Por isso é difícil saber onde ele surgiu primeiro. Isso se dá principalmente entre as línguas latinas, pois não se sabe se determinado provérbio originou-se do latim, ou se veio do espanhol ou italiano e foi traduzido para o português, francês ou romeno.

O provérbio “O costume faz a lei”, por exemplo, parece revelar um valor universal, visto se poder encontrar correspondentes em várias línguas: *L’usage fait la loi* (francês), *L’uso fa la legge* (italiano), *Costumbre hace ley* (espanhol), *Custom rules the law* (inglês).

Contudo, nem todos possuem equivalentes em outra língua, há certos provérbios que refletem tipicamente a cor local: “Quem não gosta de samba é ruim da cabeça ou doente do pé”, por exemplo, não pode experienciar outra cultura senão a brasileira.

## 2.7. Função de eufemismo

O provérbio, por vezes, comporta uma sentença enigmática, apresentando-se como uma palavra que vale por outra, muitas vezes empregado como uma forma indireta de dizer algo desagradável. Assim, numa situação em que o indivíduo A se propõe a fazer algo que B é contra, este pode se utilizar do provérbio “Quem avisa amigo é”, por exemplo, que na verdade mascara uma forma direta de dizer simplesmente “Não faça isso, as consequências não serão agradáveis”. As duas orações em questão são reprovações, no entanto, a diferença consiste em que a primeira é uma frase impessoal que requer uma prévia decifração do interlocutor - ele necessita tirar suas próprias conclusões; enquanto a segunda é uma frase imperativa, direta, uma imposição. Por isso, também se diz que o provérbio funciona como um eufemismo, ajudando as pessoas a administrarem conflitos e evitando reações mal-humoradas.

## 2.8. Autoridade

Se alguém cita um provérbio, revela-se em uma condição de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, pela posse da sabedoria universal. O provérbio funciona como uma citação, porque se tomamos por empréstimo uma idéia estabelecida, dá respaldo àquilo que se quer argumentar. Mas ao contrário da citação que é a idéia do outro, em que consta um autor, o autor do provérbio não é o outro, são os outros, a coletividade.

A excessiva utilização de provérbios pode ser explicada pelo fascínio que eles exercem. A autoridade política e proverbial têm caminhado juntas desde os tempos de Salomão, esperava-se que os líderes políticos fossem oradores e que soubessem o maior número de provérbios. De acordo com Burker & Porter, na cultura africana, os advogados utilizam-se dos provérbios como suporte para seus argumentos:

Um conhecimento sobre provérbios era algo de que uma pessoa podia se orgulhar, e que podia exibir; em qualquer lugar que fossem usados – em almanaques, livros de aconselhamento, panfletos polêmicos, sermões e obras de natureza literária -, podiam sê-lo de maneira abusiva. (BURKER & PORTER, 1997, p. 59)

No entanto, ao utilizar-se de citação ou provérbio, ao mesmo tempo em que o redator ou falante concorda com o que está sendo dito, ele se distancia daquilo que é dito, por atribuir aqueles conteúdos explicitamente a outro. Pode-se dizer, então, que o provérbio é um típico recurso de persuasão de quem não quer se responsabilizar por aquilo que é dito, ou porque não sabe a razão do que diz ou não ter certeza.

Por isso, Bragança Júnior (1999, p. 6) apresenta o seguinte testemunho:

Através de observações feitas a partir da realidade circunjacente ao mundo da época, o homem procurava, por meio de expressões fraseológicas, ter em mãos subsídios práticos para sua própria orientação e das próximas gerações no que diz respeito às condutas a serem seguidas ou refutadas.

Por outro lado, quando se faz uso dos provérbios, tem-se a ilusão de que eles pertencem ao indivíduo, mas na realidade lhe são impostos e o obriga a aceitar uma lógica vinda da sociedade, que se impõe frente às concepções pessoais.

Pode-se dizer, portanto, que o provérbio constitui o discurso do outro. Quem o emprega tem seu dizer invencível, pois está apoiado em uma idéia tradicional estabelecida pelo senso comum, não refutada pela coletividade. Contudo, mesmo sendo o discurso do outro ou uma ideologia imposta pela sociedade, ele não subtrai totalmente a individualidade de quem o emprega; muitas vezes, será marcado pela subjetividade, pois mantendo o discurso individual, será tomado como instrumento de auxílio à argumentação. Assim, quando um provérbio é adequadamente utilizado, a argumentação não deixará espaço para a contra-argumentação, o discurso passa a ser irrefutável, por constituir uma verdade anônima consagrada.

## 2.9. Polifonia

Segundo Koch (2001, p.58), “o termo polifonia designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir “vozes” que falam de *perspectivas* ou *pontos de vista* diferentes com as quais o locutor se identifica ou não”, mas a noção de polifonia deriva de Backthin (1986) que postula que o indivíduo é inconcebível fora das relações que o ligam com o outro. Backthin considera o discurso constitutivamente polifônico, num permanente diálogo, pressupondo uma pluralidade de vozes existentes no discurso. Segundo esse dialogismo, o sujeito, ao falar, não entende o interlocutor apenas como seu receptor, mas, como alguém com quem ele irá contrapor o seu discurso e, assim, o sujeito não é apenas um emissor. Dentro dessa concepção, todo discurso é tecido pelo discurso do outro.

Ducrot (1987) retoma e sistematiza essa teoria e mostra que o sujeito ou o enunciador pode adquirir várias posições em um mesmo discurso. Assim, ora o sujeito enuncia, ora é enunciado; ora é sujeito, ora é assujeitado. O provérbio, por sua vez, ora dito, ora ditado.

De acordo com Citelli (1991), a maior parte dos discursos que fazemos nas relações como os nossos semelhantes são discursos de persuasão, os quais prescrevem o que devemos desejar, compreender, temer, querer e não querer. Temos necessidade de persuadir e sermos persuadido.

O provérbio, por sua vez, como enunciado discursivo e persuasivo por excelência, é constituído por fios de vários discursos e reveste-se na voz da coletividade, podendo falar pelas instituições, pelos grupos sociais. Desse modo, o indivíduo, por meio do provérbio, também sente-se representado por uma instituição, tornando-se membro dela, sentindo-se inteirado com a sociedade.

## 2.10. Ideologia

O provérbio também é ideológico, apresenta uma transparência que de fato não tem, dissimula as figuras que o tornam persuasivo colocando sua mensagem como verdade. A ideologia dos provérbios tem um certo caráter maniqueísta, faz a oposição entre o bem e o mal, o certo e o errado. Assim, no lugar de explicar, a ideologia julga e moraliza (AMARAL, 1998).

Além disso, o provérbio promove-se de acordo com o contexto, assumindo papéis diferentes nas vozes diferentes que as pronunciam. (Reboul apud AMARAL, 1998). O provérbio “Deus dá o frio conforme o cobertor”, por exemplo, expressa uma ideologia de conformidade quando utilizada por um pobre, ou de egoísmo quando utilizada por um rico.

Um pensamento pode transformar-se em slogan, se tiver um tom autoritário, edificante ou moralista, ou transformar-se em sentença, em máxima, em clichê conforme as circunstâncias. Muitas vezes, porém, estudar a ideologia de um provérbio é também saber ler o que está “por trás”, no “não-dito” (Ducrot, 1987), porque a intenção não vem expressa literalmente.

O machismo, porém, não é peculiar somente a uma determinada cultura. A mentalidade machista pode ser constatada abundantemente em provérbios brasileiros: “Mulher, cachaça e bolacha, em toda parte se acha”; “A mulher e a mula, o pau as cura”;

“Lágrimas de mulher, valem muito e custam-lhe pouco”; “A mulher e a cachorra, a que mais cala é a melhor”; “A mulher ri quando pode e chora quando quer”, “Mulher é como alça de caixão, quando um larga vem o outro e põe a mão”.

Além do preconceito sexual, o preconceito racial é muito evidente. Denota crueldade na qual o negro também é a maior vítima. “Negro não é inteligente, é espivitado”; “Negro não nasce, vem a furo”; “Negro só entra no céu por descuido de São Pedro”, “Negro quando não caga na entrada, caga na saída”. É interessante notar, contudo, que em revanche a esses, surgem outros preconceituosos, em sinal de protesto: “Carne de branco também fede”; “Penico também é branco”; “Galinha preta põe ovo branco”.

### 2.11. Improvêrbio

Chico Buarque de Holanda, por exemplo, na música “O improvêrbio”, ao contrário de brincar com provérbios tais como os conhecemos, desconstrói sentenças populares desdizendo-as, fazendo paródia com alguns provérbios:

Ouçã um bom conselho, que eu lhe dou de graça: Inútil dormir, que a dor não passa. Espere sentado ou você se cansa. Está provado, quem espera nunca alcança. Ouçã, meu amigo, deixe esse regaçõ. Brinque com meu fogo, venha se queimar. Faça como eu digo, faça como eu faço. Aja duas vezes antes de pensar. Corro atrás do tempo. Vim de não sei onde. Devagar é que não se vai longe. Eu semeio o vento na minha cidade, vou pra rua e bebo a tempestade.

Na letra acima, pode-se resgatar, oito provérbios desfeitos, dentre eles: “Se conselho fosse bom ninguém dava”, “Quem espera sempre alcança”, “Quem brinca com fogo, se queima”, “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, “Pense duas vezes antes de agir”, “O tempo não volta atrás”, “Devagar se vai ao longe” e “Quem semeia vento, colhe tempestade”.

Além de Chico Buarque, Erasmo Carlos na música “Mesmo que seja eu” também se aproveitou do provérbio “Antes só do que mal acompanhado” para fazer música e refutar a idéia expressa por ele: “Filosofia é poesia que dizia a minha vó. Antes mal acompanhada do que só”.

### 2.12. Função na mídia

Quando o emissor quer que o seu receptor crie uma determinada imagem do referente ou mesmo do próprio emissor, ele recorre com frequência a algum provérbio, sobretudo nos meios publicitários. Para a mídia, o ideal de um slogan é ter status de provérbio, pois este possui características que satisfazem os objetivos das propagandas: sua forma curta e fácil de ser memorizada ganha a simpatia do consumidor que se identifica com o tema anunciado, despertando confiabilidade ao produto.

Lysardo-Dias (2004) faz uma análise discursiva dos provérbios na mídia “Provérbios que são notícias”, tomando como referência notícias publicadas em 1999 pelos jornais *Estado de Minas*, *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*. Segundo ela, os provérbios, na maioria das

vezes, aparecem no título ou no primeiro enunciado da matéria, para captar a atenção do leitor. No entanto, se aparecem no fim, funcionam como moral e desfecho da história. Ela faz uma observação, que nos parece pertinente “Parece contraditório com o discurso jornalístico, que sobrevive justamente do novo e do moderno, mas o provérbio acaba constituindo-se num elemento inusitado” (2004, p. 1). Os mais utilizados, segundo a autora, são: “Filho de peixe, peixinho é” e “Roupa suja se lava em casa”. Lysardo-Dias também observou que os jornalistas fazem paródias de provérbios e utilizam-se de trocadilhos, geralmente por razões ideológicas, como numa reportagem referente a assaltos a ídolos da televisão e do esporte: “Ídolo posto, ídolo assaltado” em vez de “Rei morto, rei posto”. As paródias proverbiais, potente recurso jornalístico, então, são identificadas, causam novidade e estranhamento, rompendo com o fio do discurso justamente por se desviar do esperado.

A quebra de um conceito estabelecido é, por sua vez, um recurso moderno e muito interessante em propagandas, que tomam como base provérbios de sabedoria “indiscutível” e os contradizem, inserindo um novo conceito a fim de causar efeito de estranhamento, por vezes até risos, prendendo, assim, a atenção do receptor e atingindo, conseqüentemente, o objetivo almejado.

### **2.13. Contexto e intertextualidade**

O provérbio nunca é desvinculado do discurso, de um contexto, quer dizer, nunca se dá isolado. Sem dúvida, todos falantes sabem identificar um provérbio referente a um determinado tema, mas se pedirmos para alguém citar um provérbio sobre um tema, por exemplo, ele dificilmente o falará de imediato.

A menção a um provérbio normalmente desencadeia-se após uma seqüência de pensamentos ou de falas, por isso, nas situações em que ele é requerido, surge repentinamente. Por isso, Vellasco (2000, p. 7) afirma que “O uso das expressões lingüísticas padrão faz com que nossa comunicação flua com mais facilidade e eficiência, pois evita que a todo momento tenhamos que ser criativos – algumas delas vêm, inclusive em nosso socorro nos momentos em que não sabemos o que dizer”.

Os provérbios são textos completos que podem dialogar entre si. Mas as relações de intertextualidade precedem conhecimento prévio de mundo por parte do leitor. “Quem avisa, amigo é” e “Se conselho fosse bom, ninguém dava”, por exemplo, revelam uma intertextualidade das diferenças que, segundo Sant’Anna (1985), consiste em representar o que foi dito para propor uma leitura diferente e/ou contrária.

Koch e Travaglia (1991) afirmam que o fenômeno da intertextualidade é muito comum entre as matérias jornalísticas de um mesmo dia ou de uma mesma semana e na música popular, pois ativa, com mais facilidade, informações recentes para o leitor/ouvinte. Acrescenta ainda que essas relações podem ser explícitas ou implícitas.

### **2.14. Conotação, denotação e cristalização**

“Aprovado pelo senso comum, o provérbio é um enunciado que utiliza muitas metáforas e sua significação se estabiliza no idioma pois passou do uso individual para o

coletivo” (XATARA, 1998, p. 21). Assim, “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, por exemplo, significa que é melhor se contentar com aquilo que se tem do correr o risco de perdê-lo ao procurar por mais. Já um enunciado denotativo, de mesmo significado como “Garanta o pouco que tens ao invés de procurar ter mais” não se consagrou pela tradição cultural; por isso não se apresenta cristalizado na língua portuguesa.

Diferentemente deles, os ditados possuem sentido literal, funcionando como paráfrase: “Não faça aos outros o que não gostaria que lhe fizessem!”. Assim, pode-se afirmar que o provérbio tem alto grau de codificabilidade, por sua capacidade de transformar em um “enunciado-código” a análise que faz da realidade, ao passo que o ditado dá preferência ao enunciado explicativo. Mas apesar de denotativos, também passaram pelo mesmo processo de cristalização (XATARA, 1993).

## 2.15. Sinonímia e antonímia

Provérbios sinônimos e variantes são aqueles que têm significado comum e se empregam em situações análogas. A diferença entre eles é que os provérbios sinônimos apresentam entre si uma formulação bem distinta, enquanto os variantes sofrem apenas pequenas alterações. Assim, “Filho de peixe, peixinho é” e “Tal pai, tal filho” são exemplos clássicos que veiculam a mesma idéia, mas possuem formas totalmente diversas, já “Quem planta vento, colhe tempestade” e “Quem semeia vento, colhe tempestade” são variantes, mas na prática são vistos apenas como um.

Por vezes, é comum encontrar uma série de provérbios sinônimos; nos casos abaixo, por exemplo, todos querem transmitir uma única mensagem — pela parte se conhece o todo:

- 1 - Pela obra se conhece o artista;
- 2 - Pelas garras se conhece o leão;
- 3 - Pelo dedo se conhece o gigante;
- 4 - Pelo fruto se conhece a árvore;
- 5 - Pelo canto se conhece a ave;
- 6 - Pela casca se conhece o pau;
- 7 - Pelos efeitos se conhecem as causas;
- 8 - Pelo punhado se conhece o saco;
- 9 - Pela aragem se conhece quem vem na carruagem.

Outra observação refere-se à relação que provérbios apresentam por si só e entre si. Muitos são ilógicos por si só: “Barriga cheia, goiaba tem bicho”, uns antagônicos: “Devagar que eu tenho pressa”. Outros são antagônicos se comparados entre eles: “Ruim com ele, pior sem ele” comparado com “Antes só do que mal acompanhado” ou “Rei morto, rei posto” comparado com “Quem foi rei nunca perde a majestade”.

Também pode-se encontrar contradição nos provérbios. Há casos, porém, que a formulação negativa de um basta para gerar antônimos: “Dinheiro é tudo” e “Dinheiro não é tudo”. Ou então, verdades proverbiais podem ser contestadas ou criticadas com o acréscimo de um enunciado antagônico ao mesmo provérbio. Assim para o provérbio “Dinheiro não traz

felicidade”, exemplificando, tem-se as réplicas: “mas ajuda”, “mas manda buscar”, “então dê o seu pra mim e seja feliz”.

Essa contraditoriedade pode ser explicada como um artifício de quem tenta persuadir outrem a favor de seus interesses, uma estratégia para lidar com uma situação, pois a sociedade é heterogênea, dividida, não previsível, e por isso ajusta os provérbios para cada situação, de acordo com seus interesses e necessidades. Em cada elocução há uma intenção, não existindo enunciado desprovido de persuasão. Assim, eles “constituem variáveis históricas e sociais, uma fonte de divisão e disputas, envolvidos na linguagem da política e na política da linguagem” (BURKER & PORTER, 1997, p. 73).

## **2.16. Humor, criatividade e crenças**

É muito comum encontrar criatividade e humor quando se fala em sabedoria popular, por isso também há provérbios que denotam imagens engraçadas ou inusitadas (“Urubu quando está de azar, o de baixo suja o de cima”, “Se a vida te dá um limão, faça com ele uma limonada”), outros que causam estranheza por sua obviedade (“Maior é o ano que o mês”) ou que surpreendem pela criatividade expressa no jogo de palavras ou no emprego polissêmico de palavras (“Relógio que atrasa não adianta”).

Encontramos ainda provérbios curiosos que envolvem crenças ou superstições como: “Agosto, mês de desgosto”, “Quem ajuda a preparar a noiva, casa cedo”, “Casa de esquina, morte ou ruína”, “Sapo n’água coaxando, chuva beirando”, “Chuva e sol, casamento de espanhol”, “Sol e chuva, casamento de viúva”.

Por fim, provérbios correntes, muitas vezes, são reinventados para servirem de instrumento à jocosidade ou mesmo à inovação, o que confirma a maior infiltração deles entre as camadas populares: “Quem ri por último é retardado”, “Quem espera tem criança”, “Quem espera sempre alcança ou cansa de esperar”, “Antes tarde do que mais tarde”, “Antes mal acompanhado do que só”.

## **2.17. Moral da história**

Em contos infantis, e sobretudo em fábulas, os provérbios figuram muitas vezes com o intuito de educar ou advertir, pois carrega mensagens que procuram orientar as atitudes do leitor. Exemplificando, a fábula da galinha dos ovos de ouro encerra com a moral da história “Quem tudo quer nada tem”; a fábula da coruja e da águia encerra com “Quem o feio ama bonito lhe parece”; e a fábula das uvas e da raposa com “Quem desdenha quer comprar”; da tartaruga e da lebre com “Devagar se vai ao longe”; do leão e do rato com “Ninguém é tão inútil que não possa ser útil a alguém”. Na verdade, as fábulas e os provérbios encerram um posicionamento crítico sobre as condutas humanas, demonstrando assim a moral da história.

## **2.18. Aspectos estruturais**

No que diz respeito à sintaxe, Vellasco (2000, p. 9) acredita que a formulação proverbial é relativamente simples e geralmente costuma corresponder a alguns padrões:

- a) Tal X, tal Y: “Tal pai, tal filho”, (apesar de não detectarmos outra construção proverbial similar);  
b) X-mais, X-mais: “Quanto mais limpo o papel, pior a mancha”;  
c) antes X [de] que Y: “Antes tarde do que nunca”.

Entretanto, é igualmente comum a presença de outros tipos de construções proverbiais (SN + SV), como em “A necessidade faz a lei”, “O castigo vem a cavalo”, “Tamanho não é documento”.

Evidentemente, no que concerne aos tempos verbais, a maior parte dos provérbios, encontra-se no presente do indicativo “Roupa suja se lava em casa”, o que lhes confere um caráter de atemporalidade; ou no imperativo “Jogarás, pedirás, furtarás!” para anunciar uma verdade moral. Em número bem mais reduzido, ainda encontramos provérbios em outros tempos verbais: o pretérito perfeito, para demonstrar uma experiência ainda válida: “Roma não se fez num dia”, “De pensar, morreu um burro”; o futuro do presente para demonstrar o que comumente acontece após certas situações: “Depois da tempestade, sempre haverá bonança”, ou para indicar que algo acontecerá em decorrência de uma determinada atitude: “Diga-me com quem andas e te direi quem és”. Também, a forma interrogativa pode moldar um provérbio como: “O que seria do verde se todos gostassem do amarelo?”.

Em relação à forma, os provérbios distinguem-se pela elaboração trabalhada, ritmo, aliteração, assonância, construções binárias, paralelismo, repetição, violação de sintaxe e termos regionais.

O provérbio “Pelas obras e não pelo vestido é o homem conhecido”, por exemplo, não tão usual, pode ter sofrido um processo de transformação e ter resultado neste mais usual: “O hábito não faz o monge”. Já “Se a ser rico queres chegar, vai devagar” pode ter se condensado e evoluído para “Devagar se vai ao longe”.

### **Considerações finais**

Conceituar provérbio como enunciado fraseológico implica, em síntese, considerar as seguintes características:

1. Quanto à sintaxe:

- é uma UL conotativa e geralmente concisa;
- é conjugado em diferentes tempos verbais, mas sobretudo, no presente ou futuro;
- é impessoal, na maioria das vezes;
- é um enunciado completo, dispensando qualquer especificação de sujeito ou complementos verbais;
- e pode combinar com diferentes recursos estilísticos (rima, aliteração, assonância, elipse de artigo, repetição de palavras, hipérbole, antítese, dialogismo, paronomásia, trocadilho, etc).

2. Quanto à semântica:

representa uma verdade geral resumindo experiências vividas por mais de um indivíduo, seja sentimentos (raiva, decepção, revolta, carinho, saudade etc) ou posicionamentos (sobre classe social, idade, raça, sexo, religião etc); tem pretensões de ser válido universalmente, mas às vezes apresenta um valor peculiar restrito a uma região;

### 3. Quanto à pragmática:

é atemporal e de maior frequência na modalidade oral de que na escrita;  
é aprovado pela coletividade e transmitido de geração em geração;  
não tem autoria pois sua condição de produção foi apagada;  
tem como objetivo comprovar a idéia do usuário, argumentar, aconselhar, persuadir ou controlar condutas;  
pode ser compreendido isoladamente, mas muitas vezes revela intertextualidade e é empregado em função de um contexto;  
funciona como subsídios de orientação do homem em relação a si mesmo, aos outros e às futuras gerações;  
é consagrado por uma determinada comunidade lingüística.

Ressalte-se, ainda, que apesar de não encontrarmos necessariamente todas essas características reunidas em um só provérbio, a tentativa de delimitá-lo dentre os outros fraseologismos visa a atender finalidades específicas de estudo, como por exemplo a de estabelecer critérios objetivos de seleção da nomenclatura de obras lexicográficas especiais, denominadas geralmente “dicionários de provérbios”.

*ABSTRACT: This paper proposes, in the field of Paremiology, to review some of the main theoretical considerations about the proverb, to reanalyze their characteristics and make some analogies with other phraseologisms. Thus, we can arrive at a most appropriate and completed definition of such complex lexical unit.*

*KEYWORDS: Proverb; Phraseology, Paremiology*

### **Referências bibliográficas**

ALBUQUERQUE, M. H. T. *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*. 1989. 169 f. Dissertação (Mestrado da Área de Filologia Românica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

AMARAL, A. *Tradições populares*. São Paulo: Hucitec, 1976.

AMARAL, N. G. Ideologia dos Clichês. *Presença*, Porto Velho. V. 5. n. 11. p. 31-35. mar. 1998.

- BACKTHIN, M. V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução Pe. Matos Soares. 8 ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BRAGANÇA JÚNIOR, A. *A antigüidade clássica nos provérbios medievais*. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/alvaro/textosp\\_antiguidade.htm](http://www.filologia.org.br/alvaro/textosp_antiguidade.htm)>. Acesso em: 15 ago. 2003.
- BRAGANÇA JÚNIOR, A. *Considerações acerca da fraseologia, sua conceituação e aplicabilidade na Idade Média*. Revista Philologus, Rio de Janeiro, v. 13, p. 41-53, 1999.
- BURKER, P.; PORTER, R. *Provérbios e História Social*. In: \_\_\_\_\_. *Crítica social da linguagem*. São Paulo: UNESP / Cambridge, 1997.
- CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 6 ed. São Paulo : Ática, 1991
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- GROSS, G. *Les expressions figées en français : Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.
- HANANIA, A. R. *Oriente & Ocidente: Língua e Mentalidade*. In: \_\_\_\_ LAUND, L. J. (Org.). São Paulo, FFLCHUSP, 1993, pp. 26-27.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Objetiva Ltda: Rio de Janeiro, 2001.
- JORGE, G. *La création et les jeux de langage du proverbe à l'expression idiomatique: identité et altérité*. *Polifonia*, Lisboa, n.º 2, 1999, pp. 23-37.
- KLEIN, J. R. *La phraséologie (et en particulier les proverbes) dans le « Trésor de la Langue Française informatisé »*. Disponible: [www.atilf.fr/atilf/seminaires/Seminaire\\_Klein\\_2006-05.pdf](http://www.atilf.fr/atilf/seminaires/Seminaire_Klein_2006-05.pdf).
- KOCH, I. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L.C. *A corência textual*. São Paulo: Contexto, 1991.
- LACERDA, R. C., et al. *Dicionário de Provérbios francês-português-inglês*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

- LYSARDO-DIAS, D. *Provérbios que são notícias*. 2001. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/boletim/bol1316/quarta.shtml>>. Acesso em: 17 set. 04.
- MEJRI, S. *Le figement lexical, descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Manouba : Faculté des Lettres, 1997.
- OLIVEIRA, M. L. *Como se faz o provérbio: uma abordagem da conjuntura do provérbio enquanto realidade discursiva*. 1991. 385 f. Tese (Doutorado) - UNESP, Araraquara, 1991.
- ROCHA, R. *A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português*. São Paulo: ANNABLUME, 1995.
- SANT' ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SILVA, J. P. A classificação das frases feitas de João Ribeiro. In: *Anais do III encontro interdisciplinar de Letras*. 1992, Rio de Janeiro, UFRJ, p. 191-200.
- STEINBERG, M. *1001 provérbios em contraste*. São Paulo: Ática, 1985.
- VELLASCO, A. M. S. *Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira*. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Eds.) *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt am Main: TEM, 2000. p. 267-313.
- XATARA, C. M. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. 1998. 253 f. Tese (Doutorado em Letras – Área de Lexicologia/Lxicografia). UNESP, Araraquara, 1998.
- XATARA, C. M. Provérbio: forma e conteúdo. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 41, 1993, Ribeirão Preto. *Anais de Seminários do GEL*, São Paulo, 1994, v.2, n.23, p.1457-1463.
- XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. L. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.